ICESPI – INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PIAUÍ

EDMAR DA SILVA

# IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO COMPORTAMENTO HUMANO FRENTE À NATUREZA

TERESINA

2015

EDMAR DA SILVA

# IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO COMPORTAMENTO HUMANO FRENTE À NATUREZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do instituto católico de Estudos Superiores do Piauí, como um dos pré- requisitos para a conclusão do curso de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

- Filosofia
- IECEPI - Trabalhos monográficos.

Cod. 7615
100
J586i

TERESINA

2015

11677 18/11/15

EDMAR DA SILVA

# IMPLICAÇÕES ÉTICAS DO COMPORTAMENTO HUMANO FRENTE À NATUREZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado a banca examinadora do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia.

Aprovada em _____/_____/_____

Banca Examinadora

_____

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, ICESPI.
Orientador

_____

Profa. Ms. Elenir Cardoso Figueiredo, ICESPI.
Examinadora

_____

Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende, ICESPI.
Examinador

*Dedico este trabalho à minha família e minha querida esposa. A Nonata e Família. Aos Missionários Combonianos do Coração de Jesus em especial ao Irmão Francesco D'Aiuto e a todos catadores e catadoras da COOREMM – "Cooperativa dos Catadores e Catadoras de Reciclagem de Marcos Moura.".*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumador de todas as coisas. Sou grato aos Missionários Combonianos do Coração de Jesus. A minha família. A Cirlene Maria de Souza, minha esposa, pela força e colaboração. A Raimunda Nonata e sua família pelo apoio e acolhida. A este Instituto, na pessoa do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, que me acolheu e favoreceu o meu amadurecimento intelectual. Aos professores e professoras pela amizade durante todo esse período de estudo.

*Enquanto o ser humano não se sentir e não assumir, com jovialidade e leveza, na solidariedade cósmica e na comunidade dos viventes em processo aberto, em maturação e em transformação também pela morte e assim re-ligação a tudo, ele se isolará, será dominado pelo medo e por causa do medo usará o poder contra a natureza, rompendo a aliança de paz e de amor para com ela.*

*Leonardo Boff*

## RESUMO

O presente estudo e propõe a uma reflexão acerca das implicações éticas do comportamento humano frente à natureza. Procurar-se-á definir a ética propriamente dita e sua confluência com a moral e as diferenças existentes, bem como precisar a semântica dos termos, ética e moral. Tal reflexão deve levar ao entendimento de que o que vem acontecendo no planeta, em relação à degradação ambiental, é devido a crises nos valores éticos. Em linhas gerais e abordará aspectos da ética ambiental e também as visões sobre a natureza na perspectiva da ética do cuidado. Será discorrido sobre problemas urgentes como: desertificação, morte de rios e desmatamento, também se preocupará demonstrar as causas da degradação ecológica e o fenômeno do aquecimento global. Por fim, será mostrado como se deve agir diante da crise ambiental, que medidas adotar em vista de uma reversão dos danos causados à natureza e buscando práticas preservação reafirmando a necessidade de uma ética do cuidado.



**Palavra-chave:** ética, moral, natureza, cuidado.

## ABSTRACT

This study aims to reflect about the ethical implications of human behavior toward nature. Find It will set the ethical itself and its confluence with the moral and differences, and also to specify the semantics of the terms, ethics and morals. This reflection should lead to the understanding that what is happening on the planet in relation to environmental degradation is due to crises in ethical values. Generally speaking and will address aspects of environmental ethics and also the views of the nature of the ethics of care perspective. It will be spoken about urgent problems such as desertification, death of rivers and deforestation also be concerned to demonstrate the causes of ecological degradation and the phenomenon of global warming. Finally, it will show how one should act in the face of environmental crisis, that measures adopted in view of a reversal of damage to nature and seeking preservation practices reaffirming the need for an ethic of care.



**Key word:** ethics, morals, nature, care.

# SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO ..... 10

CAPÍTULO – I

2 - UM OLHAR SOBRE A ÉTICA ..... 12

2.1. O que é Ética? ..... 12

2.2 – A Ética e a Filosofia Moral. ..... 13

2.3- Visões Ético-Filosóficas da Ética Ambiental. ..... 14

2.4 – A Visão da Natureza na História da Filosofia Ocidental ..... 20

CAPÍTULO – II

3 – SITUAÇÕES, CAUSAS DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL. ..... 25

3.1- Paradigma Científico ..... 25

3.2 – O que é o Meio Ambiente? ..... 27

3.3. – O Desmatamento. ..... 30

3.4 – Desertificação. ..... 32

3.5 – A Água e a Morte de Rios. ..... 33

3.6 – Aquecimento Global. ..... 34

CAPITULO – III

4 – PRINCÍPIOS ÉTICOS PARA UMA RECUPERAÇÃO DO MEIO AMBIENTE. ..... 37

4.1 – Cristianismo e o Paradigma Ético Ambiental. ..... 40

4.2 – Combonianos e Integridade da Criação. ..... 42

4.3 – A Importância dos Movimentos Ecológicos. ..... 44

4.4 – Desenvolvimento Sustentável ..... 45

CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 48

REFERÊNCIAS ..... 50

# 1. INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se de uma analise bibliográfica. Nele se aborda a problemática da ética ambiental. As discussões giram em torno dela. Mas, porque será que hoje há uma grandeênfase no éticoe no não ético?

A crise é moral e ética. A falta de uma reflexão ética do homem acerca dos seus atos gerou a crise no âmbito das classes sociais e de seus segmentos, bem como na política, na religião, na sexualidade, e agora, não tão recentemente estende-se às questões ambientais. O propósito ético versa sobre as atitudes em vista do bem e do que é bom e atinge diretamente o ser do homem e de tudo que o circunda.

> Não é necessário provar a existência deuma profunda crise no campo moral. É um fato que se manifesta com meridiana clareza. Esta crise não significa fim ou morte da moral, nem tão pouco significa uma variação sem importância no comportamento moral dos homens. (VIDAL, 1978, p. 15).

Porém eis que agora é o momento oportuno para parar, pensar, refletir sobre o comportamento do homem e os resultados de seus atos. Pode-se dizer que a crise compreende dois níveis: "o primeiro, corresponde ao comportamento concreto, ou seja, a vivencia que os homens têm dos valores morais; o segundo refere-se às formulações em princípios e normas onde aparecem coletados tais valores", (VIDAL, 1978, p. 15). Tais níveis relacionam-se entre si, mas possuem características diversificadas.

> A crise da moral aparece em primeira linha, como uma "desmoralização" como uma queda do nível ético da humanidade [...]. Ao que parece há uma desumanização que acarreta sérios riscos não só a vida dos seres humanos, mas dos seres em geral. Em vez de uma evolução moral, estamos assistindo uma involução moral. (VIDAL, 1978, p. 13).

Desde a Grécia antiga e até os dias atuais há uma preocupação ética com o comportamento moral dos seres humanos. De certa forma houve grandes esforços na tentativa de estabelecer uma ética universal', mas ao mesmo tempo, dada à insuficiência, pois as mesmas não abarcam o todo do humano há um a imprevisibilidade em sua maneira de agir. A crise atinge o âmbito da natureza, do meio ambiente e da preservação da vida na terra.

O meio ambiente sofre, e com ele todas as espécies que dependem da natureza, do ecossistema para continuar vivendo. O ser humano é o único a trazer em si o princípio da responsabilidade e capaz de entender que é um ser existente com consciência. Enquanto, os outros seres não têm consciência de sua existência, não sendo capazes de dar sentido ao

mundo, embora não deixem de ter sua razão de ser. A terra nunca precisou da racionalidade humana para subsistir enquanto planeta situado no sistema solar, porém foi à racionalidade humana que deu significação para tudo que existe, entretanto ainda não foi capaz de explicar sua própria origem. Por isso não se pode restringir a existência somente pelos princípios racionais. Diante de tantas teorias ainda prevalece forte no ambiente religioso o relato da criação, (Gn. 1-3), onde é possível perceber como o mal moral entra no mundo, embora seja um discurso sobre o pecado.

Na ciência e na cosmologia há um forte indicio de que tudo surgiu a partir de uma grande explosão. Contudo, Gaia vive – fruto da criação ou da explosão e junção de elementos químicos – e pede socorro aos inquilinos que a têm como casa comum, os seres Humanos, pelo menos um Consenso Mínimo que: "trata-se de entender a terra como totalidade físico-química, biológica, socioantropológicae espiritual, uma e complexa; numa expressão nossa casa comum". (BOFF, 2000, p. 27).

Teremos como base teórica para este estudo, autores que abordam a questão ambiental a partir das implicações ética, a exemplo de Leonardo Boff, M. L. Pelizzoli, James Lovelock e Albert Gore.

Este trabalho tem por finalidade constatar que as transformações que estão ocorrendo no planeta têm haver com a ação do homem frente à natureza. Se continuarmos fazendo uso da natureza como se esta fosse simples objeto teremos maiores implicações e em especial as gerações futuras.

# CAPÍTULO – I

## 2 - UM OLHAR SOBRE A ÉTICA

Iniciamos definindo ética. Propõe-se a um estudo reflexivo apurado e sistematizado do comportamento humano. Apesar da ética ter essa característica se apresenta de diversas formas e desdobra-se em teorias e doutrinas. A ética tida como a ciência que versa sobre as doutrinas éticas com o objetivo de buscar um consenso, pois o universo ético é amplo, aberto e diverso. Diante disso, busca-se o consenso para se fundar uma ética plausível as exigências atuais para as questões ambientais.

### 2.1. O que é Ética?

Pretendemos discorrer sobre a origem do termo, enfatizando a que se propõe a ética propriamente dita. Geralmente utiliza-se "ética" como sinônimo de "moral", isto é como o conjunto de princípios, normas, preceitos e valores que orientam a vida de um povo ou mesmo dos indivíduos. Trata-se de uma ciência que versa sobre os atos humanos, pondo em relevo a liberdade dos indivíduos. Para um melhor entendimento e esclarecimento dos termos é preciso ir até as raízes lingüísticas, sendo possível aí encontrar que a Ética e a Moral confluem, mas não se confundem, entretanto são distintos:

> A ética procede do grego "ethos" e significa "morada", "lugar em que vivemos", posteriormente passou a significar "o caráter" o modo de ser que se adquire ao longo da vida. Moral vem do latim "mós, moris", originalmente significa "costume" em seguida também passou a significar "caráter", "modo de ser". (CORTINA, 2005, p. 19-20).

Os dois termos etimologicamente possuem um significado idêntico, mas suas raízes lingüísticas são diferentes e por isso, cada qual tem um significado específico. A ética é uma ciência prática e tem caráter filosófico. Enquadra-se nos parâmetros empíricos experimentais e racionais. Possui características no aspecto prático e especulativo. Está fundamentada na metafísica. A metafísica se debruça sobre o ser enquanto tal e a ética se ocupa dos deveres do homem ao contrário do que pensava Hegel que entre a ética e a metafísica não poderia haver complementariedade. Para chegar a uma reflexão acerca dos atos do ser, faz-se necessário

conhecê-lo e a metafísica proporciona o conhecimento aprofundado do ser enquanto tal e de sua existência, por isso é possível entre ambas haver estreita conexão.

O que é uma atitude ética? Falar em atitude ética significa falar de uma ação moralmente correta; supõe-se que tal atitude estará orientada por princípios pré-estabelecidos ou então a partir da ação reflexiva do agente moral. Uma má atitude resulta no desajuste com a moral vigente, gerando a crise da moral muito freqüente nos dias atuais. Assim chamamos de *"moral"* ao conjunto de princípios, normas e valores que cada geração transmite a geração seguinte na confiança de que se trata de um bom legado de orientação sobre o modo de se comportar para viver uma vida boa e justa. A *"Ética"* leva o individuo a uma reflexão de segunda ordem sobre as questões morais. A pergunta básica da moral seria então: *o que devemos fazer?*Ao passo que a ética questiona com outra indagação: *Por que devemos?* Ou seja, *Que argumentos são apresentados que sustentam o código da moral que estamos aceitando como guia de conduta?*

## 2.2 – A Ética e a Filosofia Moral.

Não há uma doutrina moral ou teoria ética válida universalmente. O que temos é o pluralismo de doutrinas morais e teorias éticas. Cabe a filosofia moral promover a reflexão acerca das multifaces da moral. Uma característica da filosofia moral é que ela não se identifica com nenhum código moral, mas isso não quer dizer que se mantenha neutra. A neutralidade não pode ocorrer, pois os métodos e objetivos da Ética a comprometem com certos valores e a obrigam a denunciar alguns códigos morais como *"incorretos"*, ou até *"desumanos"*, enquanto outros podem ser afirmados. Dentro da moral estabelecida – referindo-se à pluralidade – o povo, o indivíduo é submetido a regras, preceitos, normas..., as quais estão para serem cumpridas. Com isso, compreende-se que a moral já está ai para ser como algo para ser executado. A moral é comunicada pelo processo histórico – cultural. A filosofia moral deve ser considerada todo o aparato moralístico dentro das diferentes culturas, pois além das várias doutrinas morais *"de cunho religioso"* temos também as teorias éticas "de cunho racional filosófica" desenvolvidas por muitos pensadores e escolas filosóficas. A ética não tem características de código moral e sim de um conhecimento a partir da faculdade reflexiva. "Dada à complexidade do fenômeno moral e a pluralidade de modelos de

racionalidades e de métodos e enfoques filosóficos, o resultado tem necessariamente plural e aberto". (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 21).

A ética como filosofia moral é a parte da filosofia que se propõe à reflexão sobre a moral. O objetivo da ética é orientar a nossa ação. É um conhecimento que se apoia na razão, baseado no rigor conceitual e nos métodos, analíticos, por isso a Ética é também analítica caracterizando assim o seu método experimental. É uma forma de conhecimento empírico a partir da observação das atitudes humanas ela pode chegar a um entendimento do comportamento moral dos indivíduos.

> A ética é um tipo de saber normativo, isto é, um saber que pretende orientar as ações do ser humano. A moral também é um saber que oferece orientações para a ação, mas enquanto ela propõe ações diretas em casos concretos, a ética como filosofia moral – retoma a reflexão sobre as diferentes morais e as suas diferentes maneiras de justiçar racionalmente a vida moral, de modo que sua maneira de orientar a ação é indireta: no máximo, pode indicar qual a concepção moral é mais razoável para que, a partir dela, possamos orientar nossos comportamentos. (CORTINA, 2005, p. 9).

Pode-se então dizer que a moral é entendida como dogmática. Pode ser compreendida como uma atitude desprovida da critica racional, muitas vezes baseada em princípios religiosos. Torna o indivíduo merocumpridor de preceitos e normas, as quais não são questionadas. Já a dimensão do saber ético é ampla e tem características de abertura, permitindo ao agente moral o exercício de sua capacidade crítica.

## 2.3 - Visões Ético – Filosóficas da Ética Ambiental.

Como fundar uma ética planetária? Eis uma pergunta que nos propõe Leonardo Boff no seu livro Ethos mundial, um consenso mínimo entre os seres humanos, (2000). É perceptível o quanto que em nome do progresso científico e tecnológico, degradamos o meio ambiente, ferimos a natureza... A consequência é a constatação da doença do planeta, ele está com "febre".

> Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver [...]. Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado [...]. A ótica do cuidado funda uma nova ética, compreensível a todose capaz de inspirar valores e atitudes fundamentais para a fase planetária da humanidade. (BOFF, 1999, p. 202).

Após distinguir as doutrinas morais – sistemas ou conjunto de valores – das teorias éticas, passaremos agora a analisar as teorias éticas tendo presente as formulações de algumas teorias que abarcaram o universo da natureza e do meio ambiente.

Entre os Pré- socráticos havia um entendimento do bem e da virtude como revelam os poemas homéricos. Platão desenvolverá sua teoria ética fundamentada na hierarquia da cidade ideal: "... a verdadeira moral deve ser um conhecimento que presida ao mesmotempo a vida do individuo e da comunidade, a do cidadão e da polis, os seres humanos só podem ser felizes no seio de uma comunidade organizada". (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 55).

Platão tinha uma concepção do todo concernente ao que diz respeito a "polis", sua ética tem um caráter hierárquico e negativo das possibilidades humanas. Defende que as coisas que existem na realidade não passam de cópias de matrizes presentes no mundo das idéias, então não há problemas usufruir a vontade, pois só são cópias e nada mais, o que importa mesmo é a ideia. Como a ética platônica também as éticas desenvolvidas depois dele até a modernidade, vão levar o homem a um patamar de superioridade: um ser em busca da felicidade, do bem, do prazer e daautonomia. Consequentemente, como afirma Pelizzoli: "São por vezes éticas individualizadas e que não conseguem pensar os sujeitos, ou pensar a globalização econômica como ela se propõe hoje", (PELIZZOLI, 2002 p. 95-96). O nível das relações – numa proposta kantiana – se compreende o sujeito homem ser racional – ser de vontade que possui um fim em si mesmo, e o objeto que a coisa com a qual se relaciona – seres cuja existência repousa diretamente na natureza, seres irracionais. Kant desenvolve uma ética do dever, rompe com as doutrinas morais e teorias éticas antes estabelecidas. Com ele o indivíduo se torna autônomo, não age por interesse, nem sua ação é orientada por princípios puramente religiosos *"Esquema Deontológico"*.

A ética kantiana busca formas de procedimentos práticos que possam ser válidos universalmente e, concebe como sendo um ato moralmente bom o que é praticado por todos, indistintamente, as máximas universais. É uma ética formal e autônoma. É formal, pois postula um dever que seja válido para todos os homens, independentemente de sua situação, seja qual for o seu conteúdo concreto; é autônoma, pois fortalece a concepção de um *"Esquema Antropocêntrico"*, advinda do Renascimento. Kant elabora o reino dos fins onde destaca a supremacia do homem em relação aos seres naturais. "Dentro dos reinos dos fins, somente o homem tem dignidade [...] somente à pessoa se deve o respeito: o respeito se aplica sempre somente a pessoas, nunca a coisas". (VIDAL, 1981, p. 36).

Na verdade o homem tem capacidades inquestionáveis não encontradas em outros seres, porém o que há na natureza não está lá por acaso e tem sua finalidade natural. Os seres contribuem para manter o equilíbrio da natureza. O ser humano com o advento da urbanização e a criação da cidade perdeu o senso do cuidado com o meio ambiente, de cuidador passou a predador e explorador da natureza. Como diz Leonardo Boff, (1999), o cuidado vai além de um ato e deve se tornar uma atitude. Na proposta, o homem um ser do cuidado, entende-se que os demais seres desenvolvem tem papel importante na subsistência da natureza.

Diante dessas ponderações, há duas propostas resurgentes na modernidade. A princípio são visões que abordam aspectos diferentes em relação ao homem e a natureza. E também levando em consideração que esses dois vieses, um tem sua raiz na sociedade burguesa e o outro no proletariado. Ou seja, um está relacionado ao sistema de ordem capitalista e o outro no sistema de ordem socialista. Na Idade Moderna surgiram muitos fatores que mudaram o rumo da história da humanidade. Neste período o homem é entendido como um ser racional capaz de dar a si mesmo sua própria ordem.

O que há de comum nas duas visões ora apresentadas? Nada mais do que a reafirmação do homem enquanto tal é:

> O sujeito racional e não tanto a natureza, é visto como portador privilegiado, senão exclusivo, do logos. A natureza é antes caótica (selvagem) e deve ser ordenada (civilizada) pela razão humana [...]. As características desse sujeito racional são: a criatividade, a capacidade de projeção e de ordenação, a liberdade, a autonomia, a maioridade, a responsabilidade por sua intervenção no mundo e na história. Mas que auscultar a ordem da natureza, o ser humano é auscultador de si mesmo, e de seus desejos e planos. Portanto, transforma-se em criador de uma ordem da qual se sente responsável. (BOFF, 2000, p. 33).

A proposta ética na concepção burguesa é a de acumulação de bens materiais de cunho capitalista. Não há intervenção direta do Estado na vida dos indivíduos. Surge então a necessidade de consumo concretizando uma política de mercado concentrada nas necessidades de uma sociedade de poucos. Hoje em dia o sistema de mercado se distância do capitalismo de forma a atender aos anseios dos indivíduos, fundando, assim, a sociedade consumista das necessidades urgentes e temporais.

A proposta do socialismo é de um Estado totalitário capaz de prover o necessário para que haja o bem estar dos indivíduos em geral, em que a apropriação dos bens materiais se dá na perspectiva da coletividade. Por outro lado confina, reduz, limita..., toda a capacidade dos indivíduos.

Diante dessas duas correntes, qual a melhor proposta? Pergunta-se Leonardo Boff e o mesmo responde:

> O ethos da tradição socialista, cujo portador era proletariado, apresentava-se mais generoso e mais solidário com os oprimidos. O ethos da tradição capitalista, cujo sujeito histórico é ainda a burguesia, por sua própria natureza, é centrado no individualismo e na concorrência, que limitam enormemente a solidariedade. (BOFF, 2000, p. 43-44).

Como foi dito e agora se reafirma com José Lutzenberger apud Pelizzoli, (2002), o ser humano vive no mundo sua trajetória como a última geração. Aqui se retoma a perspectiva da ética do cuidado. Certamente ainda não somos a ultima geração. Por isso, temos um compromisso de cuidar do planeta com vistas a um futuro habitável não só para os seres humanos e sim para os seres em geral. Segundo L. Boff numa perspectiva heideggeriana diz que o cuidado é a essência do humano:

> O cuidado como um modo-de-ser essencial[...]. Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo queempreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir tudo que estiver a sua volta[...]. O homem não é somente um "Ser aí" sozinho, mas convive com outros seres isso dentro do tempo e do espaço no mesmo planeta. O ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar o cuidado em tudo que faz necessário, eis a característica singular do ser humano. (BOFF, 199, p. 13-14).

Uma corrente de reflexão acerca da problemática das transformações ocorridas no universo científico, filosófico, ético, sociológico..., apresentada por Pelizzoli, (2002), emerge da Escola de Frankfurt, onde se atesta a desilusão de grande parte dos intelectuais com respeito às transformações da contemporaneidade. Não podemos falar de natureza sem levar em conta as visões de mundo ao longo da história da humanidade e, em particular como o ser humano se percebe em relação a ela. Com o avanço da ciência e o desenvolvimento de técnicas científicas a modernidade almejava resolver os problemas da humanidade. Não conseguiu, porém, resolver o problema da desigualdade social a exemplo: da fome, da pobreza extrema e as situações de guerra. Afinal o progresso não chegou para todos. Ao contrário, ver-se que ao empregar tais conhecimentos temos problemas monstruosos como as questões das armas químicas, biológicas e as grandes ameaças de guerras.

Busca-se estabelecer um novo horizonte baseado, uma nova ética das relações, envolvendo não só os seres humanos, mas procurandoo bem estar do planeta e das espécies que compartilham o mesmo ambiente planetário, fugindo do antropocentrismo egoísta e do utilitarismo, projeto típico da racionalidade moderna. É necessário que se constitua relações

de respeito entre ser humano e a natureza. A partir dos frankfurtianos muitos autores contemporâneos ligados diretamente à reflexão acerca destas questões, dentre eles, filósofos, sociólogos, antropólogos, ambientalistas..., buscam configurações para uma nova relação entre o ser humano e a natureza.

Diante disso, ao falar de uma ética ambiental e na medida em que se postula uma mudança no paradigma moderno no entendimento da natureza, não se pode deixar de citar Hans Jonas que alerta para o perigo crescente dos riscos do progresso técnico. As ações humanas parecem irreversíveis, difíceis de contornar. A ética em Hans Jonas é uma metafísica da vida e da natureza. A metafísica é essencial na medida em que não somente fé, mas a razão que dar sentido ao ser existente. É a partir da razão que é possível indagar sobre o sentido da vida humana, da morte, do ser... Na raiz de seu pensamento está uma questão muito importante que diz respeito às relações entre o ser humano e a natureza. A preservação da vida não é reservada apenas aos humanos enquanto humanos. Estabelece um novo imperativo de forma crítica ao imperativo kantiano que é limitado por não aprofundar questões sociais e ambientais. O novo imperativo estabelecido recai sobre os humanos por serem os seres de responsabilidade e mais desenvolvidos da natureza. "Obra de tal modo que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autentica na terra. Ou ainda, não ponhas em perigo as condições da continuidade indefinida da humanidade na terra". (1995 apud PELIZZOLI, 2002, p. 101).

A responsabilidade pela preservação do meio ambiente impõe-se ao homem, pois somente o ser humano manifesta tal capacidade. Só o homem pode entender o seu valor e posição na natureza e aceitar o dever que tem como guardião da natureza.

A ética ambiental aponta para duas vertentes: uma aborda um *ethos antiecológico,* numa dimensão reducionista; a outra é a proposta de repensar uma nova ética com abordagem ecológica, ou seja, uma *Ecoética* – agir local, pensar global. No primeiro modelo, baseado nos princípios cartesianos e baconianos-técnico-científicos – a natureza se torna objeto do homem. Este se utiliza da natureza com o proposito de desvendar mistérios guardados na natureza, com objetivo de usufruto sem a preocupação com o "cuidado".

> O grande salto deste empossamento do homem como senhor da natureza e reprodutor de seus organismos – em escalas mecânico-tecnológicas – pode ser acompanhado nos frutos do *cartesianismo* epistemológico e da revolução cientifica, ponto crucial da lógica e da práxis reorganizadora e reapropriadora nas Ciências Naturais, e então da tecnologia, e assim da

11677 18/11/15

> produção e economia, até chegar aos estilos de vida e consumo. (PELIZZOLI, 2002, p. 153).

No segundo modelo há uma pretensão em apresentar uma nova maneira de se chegar ao conhecimento da natureza não a reduzindo a mero objeto, pois dessa forma se perde a noção de que a terra também é viva, segundo James Lovelock:

> Temos que pensar em Gaia como sistema completo de partes animadas e inanimadas[...]. A metáfora é importante porque, para lidar com ameaça da mudança global, entendê-la e até atenuá-la, precisamos conhecer a verdadeira natureza da terra, imaginando-a como o maior ser vivo do sistema solar, e não algo inanimado como infame Espaçonave Terra. (LOVELOK, 2006, p. 27-29).

Assim a terra teria um sistema próprio, uma subjetividade cuja profundidade a ciência não pode chegar. O novo paradigma ainda está a despontar na ciência, na sociedade, na filosofia..., agora o desafio é mudar os hábitos humanos, hoje programa-se até nossas necessidades. Somos levados ao consumo sem medida o importante é Ter e não Ser dentro da lei de mercado.

As correntes éticas emergentes variam em suas perspectivas. Temos ainda uma ética holística a qual se propõe a uma visão global planetária. Na posição holística ocorre a ampliação diferente dos parâmetros éticos abarcando o bem-estar não só dos humanos, mas da totalidade planetária. Segundo Leonardo Boff:

> A perspectiva holística não significa a somatória dos pontos de vistas (que são vista de um ponto), mas a capacidade de detectar os inter-retrorelacionamentos de tudo com tudo [...]. Nada existe justaposto ou desvinculado do todo, e o todo, como um holograma, reflete-se em cada parte. (BOFF, 2000, p. 123-124).

Após apresentar algumas linhas do pensamento ético ambiental, cabe agora fazer um paralelo entre elas na tentativa de entender quais os propósitos de cada uma. Como vimos nas doutrinas éticas tradicionais havia a preocupação com o bem-estar do ser humano. Agora se busca um aparato ético ambiental para o bem-estar planetário, uma nova forma de como utilizar a natureza sem pôr em risco sua integridade. Um consenso mínimo entre os humanos diráLeonardo Boff:

> Para viver como humanos, os homens e as mulheres precisam criar certos consensos, coordenar certas ações, coibir certas práticas e elaborar expectativas e projetos coletivos. [...]. Postula-se uma referencia para a totalidade dos seres humanos, habitantes do mesmo planeta, que agora se

> descobrem como espécie, interdependentes, vivendo numa mesma casa e com um destino comum. (BOFF, 2000, p. 33).

Não há um consenso quanto à questão, pois envolvem questões sociais, políticas culturais e econômicas. Para a fundação de uma ética ambiental plausível os países concentradores do capital mundial terão que abrir mão de seus lucros. Não há um conjunto de regras plausíveis com validez universal. O que significa a possibilidade de encontrar caminhos alternativos e se formar um consenso. Por consenso, entende-se um acordo ou pacto entre indivíduos ou grupos..., princípios internacionais e aceitos livremente. Não é algo vitalício, por isso, tem caráter de provisoriedade, sem um fundamento absoluto. A ética do ambiente é a ética da vida, que busca harmonizar perspectivas diferentes do *ethos* de diferentes culturas numa visão ampliativa consensual, em vista do bem comum, a permanência e sustentabilidade da vida no planeta. No momento atual da história da humanidade tenta-se encontrar meios e soluções que conciliem os homens com o planeta. Há, portanto, que elaborar uma política de conciliação no espaço coletivo independente, tendo presente o universo de cada nação, povos e culturas e partilhar o que é comum às partes envolvidas.

## 2.4 – A Visão da Natureza na História da Filosofia Ocidental.

O pensamento filosófico teve origem na Grécia. Consequentemente o ocidente recebeu influência grega na visão de mundo e na forma de se relacionar com a natureza, salvo também a confluência da cultura romana, resultando na cultura greco-romana. O surgimento da filosofia da natureza bem como da própria filosofia se funde na busca de explicações para a origem do cosmo e das coisas variantes, não mais fixadas ou fundamentadas no mito. Os termos que ilustram o estudo aplicado à natureza *"filosofia naturalis"* surgiu na primeira era cristã, cunhado por Sêneca, no ano 62 da era cristã, mas as ações de nível especulativo filosófico acerca da natureza são datadas de cinco séculos antes.

Assim, há duas tendências: uma que diviniza a natureza, como um imenso organismo vivo; outra que a concebe como uma grande máquina, secularizadae desprovida de alma. A segunda tendência apresentada tem sua aplicabilidade com o auxilio da matemática. Na Grécia, cerca de 200 anos antes de Aristóteles, os filósofos da escola jônica, são conhecidos como os primeiros filósofos da natureza ou *"phylsiólogos"*,tinham como pretensão encontrar um princípio de onde surgiu as coisas. Apresentam-se como expoentes dessa tendência:

> Tales de mileto acreditava que o princípio originário das coisas estava na água; Anaximandro para ele é o indefinido (apeíron) – infinito e indeterminado; Anaxímenes acreditava que o ar era o principio básico de todas as coisas; para Heráclito, tudo fluía e estava em movimento e o mundo estava em constante mutação; Empédocles é o filósofo dos quatro elementos básicos: ar, água, terra e fogo, a partir da inteiração de tais componentes as coisa passaram a existir; Leucipo e Demócrito com a teoria atomista e por fim Anaxágoras expoente das homeomerias, partículas que contém indefinidamente todas as naturezas e qualidades, temos já com ele uma concepção de uma inteligência ordenadora. (VILELA, 1974, p. 20-21).

Os gregos antigos pensavam o mundo como algo sendo finito representado pelo circulo, pois pensavam ser a idéia mais adequada para exprimir à perfeição, surgindo daí a concepção de auto-organização. Esse mesmo ideal de perfeição e representação a partir do circulo encontramos também em Aristóteles.

A concepção aristotélica da *physis* está num duplo sentido: o ente com a sua natureza particular e a totalidade dos seres existentes; deste ponto de vista partem a lógica e seu método dedutivo, que se vale de um conceito do todo para chegar à compreensão do mínimo, diferenciando a natureza das coisas particulares, constrói uma visão de mundo organizado hierarquicamente, onde cada "ente" ocupa um lugar próprio. Aristóteles concebia o ser humano possuidor de alma racional que lhe permitiria compreender cientificamente a natureza, possibilitando a faculdade de pensar e planejar ações.

Outra linha de pensamento sobre a natureza: tudo passou a existir a partir do átomo (partículas indivisíveis). O atomismo na idade moderna ganha força com a teoria da *"Big-Bem – Grande-Explosão"* e, assim, há uma explicação materialista e mecanicista, que gerará a desmistificação da natureza.

Para a modernidade, a visão judaico-cristã da natureza baseava-se no criacionismo e essa concepção se estabelecia como um dogma, assim, não ofereceu mais uma resposta segura como também à filosofia antiga. Tal visão representa um retrocesso ao estado mítico da natureza. Os filósofos gregos antigos, ao contrário, buscavam explicação em algo de ordem material e não de ordem espiritual. Há quem diga que a crise ecológica atual está justamente relacionada com a concepção narrativa mítica que é apresentada por tais tradições religiosas – parece elementar, visto que a partir de uma leitura antropocêntrica, o centro da criação está na relação Deus e homem.

> Deus disse façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, a imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. (BIBLIA DE JERUSALÉM, 1973, Gn. 1, 26-27).

A citação confirma que a relação se dar somente entre Deus e o homem, no ato da criação. Deus não se relaciona só com o homem, mas com tudo que foi criado por Ele, é arriscado e perigoso fazer uma leitura errada e fundamentalista acerca da criação no "*Genesis*".

Na Idade Média os grandes filósofos da filosofia "*Cristã-Patrística*" buscaram fundamentos para a fé a partir da filosofia. Aqui merece destaque Santo Agostinho expõe dois sentidos do conceito de natureza: a *Natura Naturans* (o criador – tudo é criado por Deus) e a *Naturans Naturata* (a criação – a natureza é criada em beneficio do homem, imagem e semelhança de Deus). Deus se relaciona com a criação. O homem não foi o único ser criado por Deus. Sua relação não se dá somente com o ser de razão, se Ele sustenta o que criou logo se conclui que sua relação vai além da realidade do humano e se estende a toda criação. Pode-se dizer que o termo dominar presente no "Genesis" estaria se referindo ao homem como um ser de razão, capaz de compreender e agir segundo uma ordem fundamentada no respeito e no cuidado com os seus semelhantes e com os outros seres. Com a expressão na carta da terra vemos;

> a) respeitar a terra e a vida com toda a sua diversidade; b) cuidar da comunidade de vida com compreensão, compaixão e amor; c) construir sociedadesdemocráticas, justas, sustentáveis, participatórias e pacificas; d) assegurar a riqueza e a democracia, justas, sustentáveis, participatórias e pacíficas; e) assegurar a riqueza e a beleza da terra para as gerações presentes e futuras. (BOFF, 1999, p. 95).

Somos diferentes, mas coparticipante do mesmo "Ser" não separados interconectados. O homem ocidental compreendeu de forma errônea a ação criadora de Deus. É possível afirmar isso com base na nossa herança cultural de duas vertentes: uma grega que se baseia no intelectualismo e outra romana baseada na força dominadora e expansiva.

À medida que o homem desenvolveu sua capacidade inteligível – e isso caracteriza uma capacidade orgânica dele como um dado natural oferecido pela natureza pelo processo de evolução – outros animais também contam com particularidades mais desenvolvidas fisiologicamente e biologicamente as quais não estão presentes da mesma forma no homem. Com isso se pode pensar que os animais têm sim um tipo de inteligência, mas uma inteligência a partir do instinto não tão desenvolvida quanto a do homem; mesmo assim, o homem não deve ser entendido como ser a parte, mas sim parte do todo.

Entretanto, não se pode correr o risco em desconhecer as peculiaridades do homem em relação aos outros seres. Vemos nele a capacidade de criar, de inventar, porém ele não deve

ser entendido como um ser isolado dos outros seres naturais. Tomás de Aquino entende – com a influência de Aristóteles – a natureza como algo racional. Os seres são classificados numa ordem hierárquica que parte dos seres menos perfeitos aos mais perfeitos até chegar a Deus, "Ser" de pura perfeição. Segundo Pelizzoli:

> [...]. Há uma mística cristã presente no pensamento de praticamente todos os santos, que contradiz o pressuposto da superioridade do ser humano, como exemplo, cita o 'patrono da ecologia', São Francisco de Assis (1182- 1226), que buscou mostrar ao mundo o que significa exercer uma subjetividade integrada e solidária com os seres e suas fragilidades, sem restringir o acolhimento a que quer que seja celebrando a profunda vibração da vida em cada recôndito da existência. (PELIZZOLI, 2002, p. 77-78).

A partir dessa compreensão da natureza subjugada a fé cristã, o que prevalece é uma gradativa "secularização da natureza", sua total objetivação, a partir da linguagem matemática que só pode ser decifrada pela ciência, a qual começa a se estabelecer como fonte de verdade mais segura. Isto resultou, posteriormente, no advento da física mecanicista moderna havendo uma gradual independência entre o saber filosófico e o científico.

A Idade Moderna é marcada por inúmeras descobertas acerca do universo e da natureza, a partir dos parâmetros científicos e matemáticos. O homem assumiu uma posição de dono da natureza, tomando-a como objeto que a ciência precisa dominar e manipular. Com este ideal Francis Bacon, para quem a finalidade das ciências naturais e experimentais era exercer o poder do homem sobre a natureza: "Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece". (BACON, 1979, p. 13). Como afirma Pelizzoli: "Simboliza a necessidade imperiosa e astuta de transformar a Vida ao modo antropocêntrico. Os textos de Bacon são carregadores de passagens onde literalmente prega a tortura, dominação e arrancamento dos segredos e mistérios da natureza..."; (PELIZZOLI, 2002, p. 20). Temos comRené Descartes o desenvolvimento de sua filosofia a partir do ser pensante; *"Cogito ego sum, ou ego cogito"*, penso logo existo. Resultado disto, a divisão do mundo em duas partes: *res extensa* – correspondeaos seres materiais e que pertence a ordem natural da natureza – e, *res cogitans* – corresponde ao pensamento aos seres espirituais sem interferência do material, não está dentro da ordem natural da natureza. Segundo o que diz Pelizzoli:

> [...], em sua filosofia, o corpo é separado da alma, o ser humano da natureza, o sujeito do objeto [...]; temos ai o homem visto como máquina, [...]. O ser humano, para ele, é essencialmente um ser racional (e dotado de alma), isolado e dominador de objetos de conhecimento. (PELIZZOLI, 2002, p. 18).

Com isso, a razão humana não é mais dependente da razão divina. Agora o ser humano passa a ser possuidor da verdade e com a razão e a ciência domina o conhecimento e controla o mundo, e assim, o homem torna-se Deus.

# CAPÍTULO – II

## 3 – SITUAÇÕES, CAUSAS DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL.

Após fazer uma reflexão dos parâmetros éticos e da moralidade serão apresentadas as questões de relevância da degradação ético-ambiental. É evidente que para tratar de um assunto dessa natureza se faz uma definição precisa e uma reflexão acerca da moralidade humana frente à natureza. As transformações no planeta terra são efeitos do agir na apropriação dos recursos naturais. A natureza, numa concepção baconiana é para ser explorada, submetida ao homem.

### 3.1 – Paradigma Científico.

O conhecimento científico técnico-experimental resultou no desencantamento e falta de espiritualização da natureza. Complementando esta ideia, Pelizzoli reforça que:

> [...], a Revolução Cientifica coloca-se com umapostura nunca antes requerida pelos Antigos e Medievais (bem como por várias comunidades humanas), que faz perder o caráter da ligação (espiritual e do sentido) com a multiplicidade de formas de vida e da organização do mundo [...], vão sendo abolidos os mistérios, os encantos, a poesia natural na admiração dos seres e se começa a construir um grande aparato matemático, [...] para mostrar que a natureza segue leis rígidas, como um mecanismo. (PELIZZOLI, 2002, p. 16).

A ciência com o apoio na razão humana estabelece as regras no mundo moderno caracterizado como espaço guiado pela rigorosidade no seu ordenamento. Ademais, aparece como fonte inspiradora o pensamento cartesiano, onde o *"Eu Penso"*, ou seja, o ser pensante é capaz de dar significado e significar. O que resulta numa separação entre o ser humano e a natureza. Afirma-se a ciência como o único conhecimento possível e o seu método o único e válido; e que a vida humana no âmbito individual e social, deve ser guiada pelo método científico.

> É sob a bandeirada da certeza e do rigor científico, e da noção de progresso que vem a *Revolução Industrial*, que a razão – que é cooptada pelo crivo *científico* – ao mesmo tempo em que alarga "infinitamente" o conhecimento dos seres e ambientes, toma posse de todo sentido, ou seja, põe-se como fundamento racionalista último – a partir do qual se determina o destino de todos os outros seres e mesmo dos seres humanos. Que os cientistas e pensadores tenham concebido o mecanismo, o determinismo e depois o

> positivismo em geral, como explicações de leis e da verdade do "real", e do mundo natural, é algo realmente assustador se se pensa formas dignas de conhecimento e relação com a vida. (PELIZZOLI, 2002, p. 17).

Nesta perspectiva o aspecto orgânico e vivo da natureza é irrelevante. A *Revolução Industrial* irrompeu com uma ideia de um futuro promissor da história e das culturas. Prega-se um progresso infinito, e a noção de que o futuro tecnológico seria melhor que o presente. Porém a esfera do cuidado é uma realidade inerente ao humano.

> ... O Cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem viver e das ações um reto agir. (BOFF, 199, p. 1).

O cuidado ficou de fora do pensamento ocidental, diferente das culturas orientais que se orienta nessa dimensão, buscando a harmonia planetária. O fato é que sem a atitude do cuidado perde-se o sentido das coisas e tudo passa a ser objeto de descarte, logo a relação que se estabelece é a do uso fruto sem compromisso. Dessa forma, evidencia-se a liquidez das relações na vida humana num compromisso descomprometido. Mas, nem tudo está perdido.

> Isto significa voltar atrás em termos de progresso; significa exatamente a descoberta do onde se encontra o verdadeiro progresso: na humanização,que por sua vez pressupõe o cultivo daquilo que se denomina mistério. Parques, florestas preservadas, movimentos ecológicos e outros semelhantes estão ao menos dando um certo toque, uma vez que o gerador do problema ecológico é um sistema econômico. Mas como também os sistemas remetem, em ultima analise, a uma maneia de ver, sentir e de relacionar-se, o caminho está aberto. É só prosseguir nele. (MOSER, 2004, p. 396).

O progresso gira em torno do avanço tecnológico. A ciência não é o único caminho a ser percorrido na busca do conhecimento sua atuação também é falha. O *"eu penso"* não tem possibilidade suficiente para abarcar a verdade em si, inatingível, não chegando à compreensão das coisas em sua totalidade. No viés do *"Cogito Cartesiano"* Leonardo Boff abre espaço para pensar que a experiência base do ser humano não está no *"logos"* e sim no *"pathos – Sentio, ergo sum"* e diz: " A existência jamais é pura existência; é uma coexistência, sentida e afetada [...], sentir no mundo, os outros e o eu..., é um estar com e não sobre as coisas, é um con-viver dentro de uma totalidade ainda não diferenciada". (BOFF, 2000, p. 102-103). O progresso, o avanço tecnológico não pode fazer morrer no ser humano a dimensão do cuidado, deve sim suscitar essa necessidade tão inerente ao humano, ser de existência.

## 3.2 – O que é o Meio Ambiente?

Não existe uma única concepção acerca do ambiente. A definição é parcial incompleta, pois há algumas variantes acerca do ambiente. Geralmente se faz distinção entre ambiente natural e ambiente cultural, porém se entende também o ambiente artificial, o ambiente do trabalho. Podemos chegar a uma definição mais precisa baseada no que diz a constituição federal brasileira de 1988:

> [...], **ambientenatural,** 'formado pelo solo, a água, o ar, flora, fauna e todos demais elementos naturais responsáveis pelo equilíbrio dinâmico entre os seres vivos e o meio em que vivem'(art.225, caput e § 1 da CF);**ambiente cultural,** 'aquele que pelo patrimônio histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, turístico, científico e pelas sínteses culturais que integramo universo das práticas sociais das relações de intercambio entre ohomem e a natureza' (art.215 e216 da CF); **ambienteartificial,** 'é o constituído pelo conjunto e edificações, equipamentos, rodovias e demais elementos que formam o espaço urbano construído' (art. 21,XX, 182 e segs., art. 225 CF); **ambiente do Trabalho,** 'é integrado pelo conjunto de bens, instrumento e meios, de natureza material e imaterial, em face dos quais, o ser humano exerce as atividades laborais' (art.200, VIII CF). (BRASIL, Constituição 1988).

A verdade é que o meio ambiente não está fragmentado ou subdividido trata-se apenas de uma ilustração. Tal divisão é puramente sustentada pelas categorias humanas. Do ponto de vista da biologia, da física, da química não há esta subdivisão, pois a natureza, o meio ambiente é um todo interligado e conectado. É uma realidade única e não particularizada. O planeta terra é essa junção que integra todos os seres animados ou inanimados. O ambiente, Terra é o ambiente total, onde os seres se desenvolvem, com capacidades particulares, mas integrados. O meio ambiente deve assegurar o bem estar, para que os seres possam se desenvolver em sua integridade. O homem é o resultado e o criador do meio ambiente.

> O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente [...]. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive à vida mesma. (ESTOCOMO, 1972, p.1).

Nos primórdios o homem não vivia organizado em sociedade, como nos dias atuais, situado em um único lugar. Na era histórica organizacional do homem e das suas relações no primeiro momento se dar com o contato direto com a natureza. Vemos então o homem não distinto da natureza, mas a compreensão de ser natureza. Com o avançar da era planetária temos uma dicotomia a cerca do homem e a natureza como duas realidades diferentes. Com o

avançar da modernidade isso se confirma ainda mais. A relação social se desenvolvia dentro dos clãs, as tribos, grupos e etnias. Esse tipo de organização social ainda resiste hoje em algumas regiões do mundo: América "tribos indígenas", Ásia, África, "grupos étnicos"..., ameaçadas pelas sociedades urbanas e pela era planetária. Como figura majoritária o patriarcalismos ou matriarcalismo.

> Durante dezenas de milhares de anos, as sociedades "arcaicas" de caçadores – coletores se espalharam pelas terras. Tornaram-se estranhas umas as outras pela distância, a linguagem, os ritos, as crenças e costumes. Diferenciam-se, umas abertas e liberais, outras fechadas e coercitivas, umas com autoridade difusa ou coletiva, outra com autoridade concentrada. Mas, por diversas que tenham sido, constituíram um tipo fundamental e primário de sociedade de Homo Sapiens. Durante várias dezenas de milênios, essa diáspora de sociedades arcaicas, ignorando-se umas as outras, constituiu a humanidade. (MORIN, 2002, p. 15, tradução nossa).

A constituição das grandes cidades abriu o espaço para a sociedade cuja ordem social é urbana e tecnológica. Também a criação das áreas rurais com a ocupação das terras para o desenvolvimento da agricultura e outros tipos de produção movimenta a economia local, criando-se assim, a propriedade privada. Esta maneira de organização social se estabelece expulsando e em muitos casos extinguindo de forma brutal as organizações sociais e arcaicas.

A era planetária iniciou-se com grandes barbaridades a partir da exploração dos recursos naturais, da escravidão, do tráfico de negros e a disseminação de muitas doenças viróticas. A América e a África foram vítimas destas atrocidades promovidas por nações europeias cuja motivação era enriquecer suas coroas. Mas, por outro lado, não deixa de ter o seu lado positivo; daí começa o intercâmbio cultural, porém sempre houve e há a pretensão de o dominante querer impor sua cultura. A globalização não é um processo recente nos nossos dias, mas é algo iniciado há muito tempo.

Com a criação dos centros urbanos e das grandes metrópoles acontece também o fenômeno da massificação populacional. O crescimento populacional nas cidades de grande porte, a exemplo de São Paulo, causa grandes problemas ambientais e estruturais.

> A região metropolitana de São Paulo (RMSP), que abrange 8.051km², com uma população de 17,5 milhões de habitantes (IBGE 2000), é um bom exemplo do que representa uma mega cidade marcada pela multiplicação de problemas ambientais que têm se agravado, constituído numa das três maiores aglomerações do mundo. (SANTOS, 2006, p. 423).

As cidades se tornam refúgio para muitos que buscam melhorias de vida. O que não acontece na maioria dos casos. A ilusão dá espaço para a desesperança. A população pobre,

na sua maior parte composta por nordestinos e nortistas são as mais ameaçadas por desastres ecológicos, e desprovidas das políticas de inclusão social e de uma infra-estrutura básica para que se possa ter vida digna.

> A metrópole de São Paulo vive uma crise ambiental severa, como resultado de práticas gerencias inadequadas das autoridades locais, assim como também da falta de atenção, da omissão, da demora em colocar em prática ações que reduziriam os problemas crescentes e prejudiciais. (SANTOS, 2006, p. 424-425).

Os subsídios governamentais devem implementar políticas públicas de inclusão social para as populações menos favorecidas. É necessário desenvolvimento de uma educação que leve em conta a questão do meio ambiental e como torná-lo sustentável diante da demanda populacional. O problema ambiental é de ordem pública. Todos nós contribuímos para a degradação da natureza e devemos assumir o compromisso de cuidar do meio ambiente e salvaguardá-lo. O cuidado não está reduzido somente à esfera do humano, mas compreende-se o cuidado numa esfera planetária.

> O homem deve fazer constante avaliação de sua experiência e continuar descobrindo, inventando, criando e progredindo. Hoje em dia, a capacidade do homem de transformar o que o cerca, utilizada com discernimento, pode levar a todos os povos os benefícios do desenvolvimento e oferecer-lhes a oportunidade de enobrecer sua existência. Aplicado errônea e imprudentemente, o mesmo poder pode causar danos incalculável ao ser humano e a seu meio ambiente. (ESTOCOMO, 1972, p. 1).

Portanto, há de se trabalhar por uma educação ambiental que insira o ser humano como parte da natureza. O homem e a natureza não se confundem, mas se funde. O ser humano não é um ser distante ou separado dela, também é natureza. A educação ambiental deve promover nos indivíduos uma mudança radical de mentalidade a partir de uma ética que leve a reflexão do homem não como a humanidade e sim parte da humanidade. "A Educação Ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento, e forma cidadãos com consciência local e planetária". (SANTOS, 1972, p. 431).

Para a construção das áreas urbanas, áreas ambientais constituídas por sua biodiversidade árvores, animais..., são totalmente arrasadas sem qualquer preocupação ética e sem planejamento adequado por parte das administrações públicas, fugindo do seu próprio controle. Não há, infelizmente, um planejamento urbano, uma política habitacional. Ver-se com isso a formação das ocupações mais conhecidas por favelas. Na cidade de São Paulo há cerca de 1.800 favelas, somando uma população em torno de 2.000.000 de pessoas, isso

corresponde cerca de 19% da população. Estes vivem em estado de miséria e não só em São Paulo como em qualquer outra cidade do mundo seja nos países subdesenvolvidos ou desenvolvidos; em sua maioria são pessoas que emigram e migram para encontrar melhores condições de vida. É uma situação alarmante, pois as pessoas se instalam em lugares de risco e acabam cometendo vários crimes ambientais destruindo matas e florestas, poluindo rios, nascente e lençóis freáticos, cominando com o aumento da violência e da criminalidade.

A degradação ambiental não é um fato isolado. Não acontece apenas em meio aos aglomerados das grandes cidades. É possível encontrar também nas zonas rurais, e isso ocorre em nome do agronegócio. Florestas são destruídas e dão espaço ao cultivo da soja, da cana de açúcar, da mamona para a produção de biodiesel. Outro agravante poluidor e degradador do meio ambiente são os resíduos tóxicos das indústrias.

**3.3 – O Desmatamento.**

O desmatamento acontece com a exterminação das florestas habitadas por diversos seres naturais, também é possível verificar a presença humana em meio às florestas, a exemplo, dos índios da floresta amazônica. Os cientistas e as indústrias farmacêuticas acreditam poder encontrar na biodiversidade que as florestas apresentam a cura para algumas doenças ainda incuráveis. Mas, muitas outras atitudes como as de grandes latifundiários acabam por negar o direito à terra aos nativos a exemplo dos índios. Com isso, o misticismo perde e perde o espaço da sacralidade. "A floresta é a morada de muita gente, animais, aves e insetos. Ela oferece-lhe alimento, remédio, combustível, carvão madeira e papel". (JPIC, 2007, p. 54).

O desmatamento põe em risco a vida das espécies e do ser humano. A condição de vida é diversa na biodiversidade da natureza e assim deve continuar para que haja vida. Faz-se necessário a reconciliação dos viventes *"humanos"* com as outras formas de *"vida"*. Deve-se buscar a harmonia comos demais seres naturais que da mesma forma que como o ser humano, fazem parte da complexidade da natureza. Com a prática predadora dos últimos 200 anos a natureza começa a dar sinais de seu desgaste. "Já, mais da metade das florestas tropicais do mundo desapareceram desde 1950. Estudos feitos agora recentemente revelam que a cada ano se destrói uma área da floresta tropical do tamanho da Nova Zelândia", (JEPIC, 2007, p. 55). A ciência comprova a escassez dos recursos naturais, mas ainda não foi o suficiente para que haja uma compreensão planetária da problemática ambiental. Ainda há nações que: poluem,

desmatam, e extinguem espécies, mas no imaginário ainda não se percebeuque os recursos naturais são escassos.

As arvores são as grandes catalisadoras do $CO^2$ "*Dióxido de Carbono*", um dos gases responsável pelo efeito estufa que afeta diretamente as alterações climáticas. Com o desmatamento e a diminuição das áreas florestais estamos tendo e teremos como consequência para as gerações futuras graves complicações. "As plantas verdes absorvem o anidrido carbônico e produzem oxigênio. Se houver menos arvores menos anidrido carbônico será absorvido; uma maior quantidade de anidrido carbônico faz piorar o efeito estufa", (JEPIC, 2007, p. 54). A agricultura em grande escala também representa um dado complicador da situação do desflorestamento, como também as práticas agropecuárias onde a mata ou a floresta é substituída por grandes plantações de pastos para alimentar o gado. O desmatamento muitas vezes é feito de forma irregular com a provocação de incêndio em áreas protegida, causando grandes destruições no ambiente natural e as queimadas florestais também poluem.

> A desflorestação é responsável por 10-30% da poluição do $Co^2$ em todo o mundo. Em 1987, os incêndios nas florestas tropicais (um dos métodos de "limpeza" florestal) lançaram para a atmosfera 518 milhões de toneladas de carbono, ou seja, o equivalente a 1/10 do total mundial de combustível fósseis queimados, nesse mesmo ano. (JEPIC, 2007, p. 233).

O solo florestal tropical não é cultivável por isso não se justifica querer desmatar para plantar. Agora, hoje com técnicas desenvolvidas pelo o agronegócio, a terra pode ser enriquecida com a aplicação de adubos artificiais e a utilização de agrotóxicos para controle de pragas. Isso oferece riscos asaúde dos consumidores e desiquilíbrio ambiental. Destroem os poucos nutrientes que ali já existem sem mencionar a poluição dos lençóis freáticos.

> O solo das florestas virgens tropicais não é um solo rico. Apenas uma camada de cerca de 5 centímetros de espessura contém substancias nutritivas. A maior parte das substâncias nutritivas duma floresta tropical fica armazenada na vegetação. Quando uma floresta tropical se transforma em campo de pastagem, por exemplo, o solo fica totalmente exausto dento de dois anos. Assim, o gado tem que avançar para novo terreno, deixando atrás de si um deserto. (JEPIC, 2007, p. 234).

Na década de 40, com o então Presidente Getúlio Vargas, demandou-se uma grande ocupação das terras amazônicas. E na década de 60 com o governo militar com um discurso nacionalista de integração da Amazônia. Nesse intuito, obras de infraestruturas foram feitas, porém muitas destas obras se perderam pelo caminho. Em meio a tudo isso o líder sindical Chico Mendes buscou defender a legitimidade da floresta e dos seringueiros, porém foi

ceifada sua vida, fato que teve repercussão internacional, despertando na comunidade internacional para problemática da de gradação da floresta amazônica.

### 3.4 – Desertificação.

O deserto é uma região de clima árido; com alto nível de evaporação e as chuvas são escassas. Apresenta solo ressequido; cobertura vegetal esparsa com presença de xerófilas e plantas temporárias. É um fenômeno que acontece com a perda dos nutrientes na superfície, ou seja, na camada fértil do solo. É provocado em sua maioria pela ação do homem com o desmate das florestas para o desenvolvimento das culturas agrárias. Com a utilização excessiva de reagentes químicos e a destruição da cobertura vegetal provoca-se o aparecimento extenso de áreas de desertificação do globo apresentando focos de desertificação. Segundo o *World watch Institute*, organização norte-americana que acompanha o estado atual dos recursos naturais do planeta, 15% da superfície terrestre está sob-risco de desertificação. As áreas mais ameaçadas estão localizadas a oeste da América do Sul, o nordeste do Brasil, o norte e o sul da África, o Oriente Médio, a Ásia central, o noroeste da China, a Austrália e o sudoeste dos Estados Unidos. "No Estado do Piauí 1.241 Km² da área piauiense encontra-se em acelerado processo de desertificação; exemplo deste fenômeno pode ser visto na região de Chapadas do Vale do Gurguéia, município de Gilbués e Monte Alegre num total de *2,5 milhões de hectares atingidos no Estado"*, (RODRIGUES, 2000, p. 51). Não só no Piauí, mas em muitos estados brasileiros acontece este fenômeno.

> Todos os anos, cerca de 60.000 quilômetros quadrados de terra fértil transformaram-se em deserto. Mais de 200.000 quilômetros quadrados de terreno cultivável e de pastagemsão destruídos ouficam gravemente depauperados. Com o tempo, estas áreas ficam tão expostas aos elementos que o deserto acaba por engoli-las. A desertificação está a acontecer, sobretudo nas terras ao sul do Sahara: mas também em partes da Ásia e nas orlas costeiras dos Estados Unidos e da América Latina. (JEPIC, 2007, p. 54).

O desmatamento provoca a extinção da vida florestal dando espaço a desertos. Como se percebe a desertificação não é um fenômeno puramente natural, mas intimamente ligado à ação humana, uma de degradação ambiental.

## 3.5 – A Água e a Morte de Rios.

A água é considerada como fonte de vida. Na filosofia antiga Talles de Mileto pensava a água como o elemento que deu origem a tudo que existe. É um recurso natural finito e sua demanda é crescente. Cerca de 2,5% da água do planeta é boa para o consumo dessa porcentagem 0,5% estão submersas nos lençóis freáticos. A água não está bem distribuída no planeta há regiões sofrendo com a escassez de água, principalmente os países africanos e a Índia.

> [...] Os países que tem escassez de água possuem um consumo menor de 1000 metros cúbicos ao ano. Isto dificulta a produção de alimentos, o crescimento econômico e pode causar sérios problemas ambientais. [...], estima-se que até 2025, 3 bilhões de pessoas viverão em países nessas condições (FNUAP, 2001, p. 12).

Com o aumento populacional a humanidade já começa a sofrer com a falta de água. Porém, não é esse o fator para a escassez da água. O problema é como nos relacionamos com a água, com as nascentes e os rios. Nos países desenvolvidos há grandes mananciais de água, como exemplo os rios. A má gestão desse recurso causa e futuramente causará grandes problemas para todas as formas de vidas.

> ... Essa má gestão da água causa problemas sérios em muitos ecossistemas causando um desequilíbrio nas espécies que vivem em aspectos da água doce, por causa disto, em torno de 20% das 10.000 espécies de água doce correm perigo. A saúde dos ecossistemas é essencial para a regulação da qualidade e da quantidade da água. (FNUAP, 2001, p. 12).

A morte dos rios acontece por intervenção do homem. As árvores que estão às margens dos rios protegem o leito das erosões. A retirada das árvores provoca o assoreamento, ou seja, causa o aterramento dos rios. Os dejetos populacionais e industriais das cidades causam a poluição das águas dos rios e mata as formas de vida que dependem daquele ecossistema para viver, causando grandes riscos à população que depende dos recursos oferecidos pelos rios. A irrigação pode se apresentar como uma alternativa de sustentabilidade, mas em longa escala pode produzir graves problemas e desastres irreparáveis. Um exemplo de total destruição aconteceu ao mar Aral que praticamente desapareceu por completo. Segundo AL Gore, "A ex-URSS desviou a água de dois poderosos rios na Ásia central, que alimentavao mar Aral (o Amun Darya e o Syr Darya). Ambos eram usados para irrigar plantações de algodão", (GORE, 2006, p. 244). A construção de barragens

para a produção de energia elétrica é responsável por grandes impactos ambientais. Populações são obrigadas a deixar seu espaço; a fauna e a flora são arrasadas. Na época da piracema os cardumes de peixes são impedidos de se reproduzir, pois as construções das barragens inviabilizam que nadem em busca de novas águas para reprodução. Um exemplo, disso é o rio São Francisco no nordeste brasileiro que corta cinco estados. Hoje não se fala do rio São Francisco, mas de um complexo de barragens. E ainda o projeto de transposição das águas para outros estados nordestinos com o objetivo de atender a demanda da água, porém, antes é preciso revitalizar toda a margem do rio, para depois pensar de aproveitar seu potencial para o abastecimento, sem falar também na revitalização das comunidades ribeirinhas.

### 3.6 – Aquecimento Global.

O aquecimento global parece ser o anunciador da chegada do apocalipse. Mas, na verdade é um fenômeno que vem causando grandes mudanças no clima do planeta terra. E esse quadro a cada ano se agrava ainda mais. O aquecimento global se deve ao aumento e concentração de gases poluentesproduzidos pelo homem – causa o agravamento do efeito estufa. O efeito estufa é causado justamente pela disseminação de gases poluentes.

> **Anidrido carbônico** ($CO^2$): é responsávelpor cerca de 71% do efeito de estufa. Ano a ano, lançamos para a atmosfera aproximadamente mais de 6 bilhões de toneladas de $CO^2$. As principais fontes de $CO^2$ são: a queima de combustível fósseis, tais como carvão, petróleo, gás natural – e a destruição das florestas, que emitem $CO^2$ quando as queimamos ou as desmatamos. **Clorofluorocarbonetos** (CFCs): não só são responsáveis por 21% do aquecimento global, como também destroem a camada de ozônio da terra. **Metano:** causa 9% do efeito estufa. É produzido pelo gado, campos de arroz e lixeiras. **Óxido de azoto:** é responsável por 3% dos gases de estufa e é produzido pelos micróbios, decomposição de adubos químicos, queima de lenha e combustível fósseis. **Monóxido de carbono** (CFC) e outros gases: vêm da poluição dos terrenos causada por veículos motorizados, usinas elétricas, refinaria e petróleo. (JEPIC, 2007, p. 226).

O aquecimento global é apontado como elemento agravante das forças dos ventos que causam os grandes furacões; do descongelamento polar dos hemisférios norte e sul aumentando o nível do mar; causando enchentes, chuvas ácidas... O efeito estufa dentro da normalidade é positivo para manter o planeta aquecido. Os gases naturais permitem que os raios solares penetrem na atmosfera e a mantenha aquecida sem causar danos.

> A energia do sol entra na atmosfera sob a forma de ondas de luz, aquecendo a terra. Parte dessa energia é refletida e volta a irradiar-se no espaço, sob a forma de ondas infravermelhas. Parte dessa radiação infravermelha que volta para oespaço é naturalmente, retida pela atmosfera – e isso é bom, pois mantém a temperatura na terra dentro dos limites confortáveis. [...]. O problema que enfrentamos agora é que essa fina camada atmosférica está ficando mais espessa [...]. A atmosfera, agora mais densa, retém grande parte da radiação infravermelha que deveria escapar e se irradiar para o espaço. Como resultado, a temperatura da atmosfera terrestre – e também dos oceanos – está ficando perigosamente mais alta, transformando a terra numa grande estufa. (GORE, 2006, p. 26-27).

O mundo vive em alerta para as consequências catastróficas do aquecimento global que já estão acontecendo no planeta. O Brasil é um dos países mais prejudicados. Segundo Heitor Matallo, membro da Convenção das Nações Unidas para o combate da Desertificação, um acontecimento está relacionado a outro, pois há reciprocidade no processo degradativo, ou seja, ele está falando da interligação que existe na natureza, assim a degradação é algo que de certa forma desestabiliza a "harmonia" na natureza. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que 2,4 % dos casos de diarreia e 2% dos casos de malária no mundo é fruto das transformações climáticas. A natureza está buscando adequar-se a essa nova situação. Regida por leis e dinamismo a natureza se autorregula procurando superar as agressões. A isso se deve as catástrofes que tanto impacto causam aos seres humanos. Se o aumento da temperatura for de 3° C, no sul do planeta teremos por ano cerca de 87 mil mortos até o ano de 2071. Se o aumento do calor for de 2,2° C, não passará de 36 mil por ano.

> [...], não é exatamente que a própria Gaia corra perigo (ele é uma "mulher durona", nas palavras de Lynn Margulis), mas o que os seres humanos têm infligido à sua configuração atual causando danos cada vez maiores. De qualquer modo, Gaia está mudando, e pode está menos robusta do que no passado. O calor do sol sobre a terra vem gradualmente aumentando, e a auto-regulação da qual depende toda a vidaacabará ocorrendo perigo. Olhando o ecossistema global como um todo vemos que o aumento da população humana, a degradação das terras, o esgotamento dos recursos, o acumulo de resíduos, todo tipo de poluição, a mudança climática, os abusos da tecnologia e a destruição da biodiversidade em todas as suas formas constituem juntos uma inédita ameaça ao bem-estar humano, desconhecida pelas gerações anteriores... (LOVELOK, 2006, p. 12).

Até que o planeta se acostume com tal variação provocada pelas práticas humanas de agressão ao meio ambiente, teremos fenômenos ainda mais graves e curtos, a médio e a longo prazo. Com o degelo das calotas polares a longo prazo irá aumentar o nível dos oceanos em 4,9 cobrindo vastas áreas litorâneas. A incidência de furacões e terremotos poderá ser grande.

Isso já está acontecendo aos poucos. Exemplo: o Tsunami na Indonésia devastou toda a área costeira arrastando com a força da água construções provocando a morte de milhares de pessoas; o furacão Catarina, atingiu Nova Orleans, cidade americana (EUA), provocando ventos fortes que chegaram a uma velocidade de 118 km/h. Como uma forma de pressionar os países, a ONU em Kyoto, no Japão, promove uma negociação para reduzir a emissão dos gases responsável pelo aquecimento global em 5,2% em relação aos parâmetros de 1990. "O protocolo de Kyoto compromete todos os países a trabalhar para conciliar o 'desenvolvimento sustentável' e a luta contra a mudança climática, e comporta compromissos quantificados para os países industrializados". (KANDEL, 2007, p. 103).

O IPCC – *"Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas"* – concluiu em 2007 o quarto relatório sobre mudanças climáticas. A partir desse relatório todo o mundo começou a pensar em políticas com vistas à retroação do efeito estufa, provocado pelos gases radioativos da luz solar, causador do aquecimento global. A solução para essa preocupante história é a sensibilização em massa. Dessa, é preciso saber que essa não é a última geração do planeta, cuidar significa pensar nas gerações futuras.

# CAPITULO – III

## 4 – PRINCÍPIOS ÉTICOS PARA UMA RECUPERAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Ao constatar a degradação da natureza por práticas inadequadas humanas, resta agora buscar caminhos para reverter este quadro dramático no qual se encontra o planeta terra. Mas, o desastre causado a terra é tão grande que parece ser irreversível. Há também quem considere que tudo não passa de ficção científica; quem assim pensa está enganado, basta olhar em volta para perceber que isso é mais do que real. Ou muda-se a mentalidade em relação à natureza ou então o fim da humanidade será dramático. Lovelock define a terra, Gaia, (2006), como algo vivo composto de seres animados e inanimados, que pulsa em vida plena com todos os seus seres, incluindo o homem em igualdade de condições, por isso eis a necessidade do ser humano rever a sua ação predatória.

> As poucas coisas que sabemos sobre a reação da terra à nossa presença são profundamente perturbadoras. Ainda que cessássemos neste instante de arrebatar novas terras e água de Gaia para a produção de alimentos e combustível e parássemos de envenenar o ar, a terra levaria mais de mil anos para se recuperar do dano já infligido, e talvez seja tarde demais até para essa medida drástica nos salvar. A recuperação, ou mesmo a redução das conseqüências de nossos erros passados, demandará um extraordinário grau de esforço internacional e uma seqüência cuidadosamente planejada para substituir o carbono fóssil por fontes de energias renováveis mais seguras. (LOVELOK, 2006, p. 19).

A princípio nem tudo está perdido. Lovelock concorda que a tecnologia pode ajudar, abandonando-a não se resolve o problema, mas é preciso usá-la de forma sábia em benefício da humanidade e do planeta. Nas culturas e nas religiões podemos, através de um estudo comparativo, buscar encontrar maneiras práticas para se estabelecer uma Ética da Natureza. É necessário pensar globalmente, agir localmente.

O novo paradigma proposto pela visão ecocentrica quer levar o homem a uma concepção do planeta como a casa comum *"oikos, significa casa em grego"*. Permite então o surgimento de uma ética do comportamento humano em relação à natureza global. Assim o ser humano poderá entender melhor a sua atuação e responsabilidade para com os demais seres vivos.

O papel da filosofia ecocêntrica é fazer com que o ser humano passe a se preocupar com suas ações entendendo que é parte da natureza. Não é proprietário ou dono da Natureza, ela não é propriedade privada, na verdade o ser humano é pertencente a ela. A natureza não existe para servir ao egocentrismo humano, mas se caracteriza pela harmonia dos seres, pela ordem natural. Devemos desenvolver uma visão *"holística"* do mundo, ou seja, uma visão global. A natureza tem seu sistema dinâmico em que todos os elementos estão interligados e conectados.

> A natureza tem uma consistência própria. Podemos intervir nos processos naturais, mas não podemos modificar as suas leis. De modo negativo, a autonomia do natural implica uma independência em relação à intervenção humana. De modo positivo, expressa que as entidades naturais possuem um dinamismo próprio. O termo dinamismo provém do grego*dynamis,*que significa poder, capacidade. Afirmar que as entidades possuem um dinamismo próprio equivale a afirmar que não são sujeitos meramente passivos aos quais o movimento é acrescentado como algo externo, mas que possuem uma atividade própria, um dinamismo interno que não depende somente das ações exercidas sobre elas.[...]. Na verdadea vida não apenas supõe um dinamismo próprio, mas também uma organização de componentes que cooperam de modo unitário e permitem a realização das funções próprias dos viventes. Por conseguinte, possuir dinamismo próprio não significa ter vida. (ARTIGAS, 2005, p. 49-51).

A Ética Ambiental se propõe a um estudo da conduta do ser humano com a natureza, decorrente da conscientização ambiental e conseqüente compromisso preservacionista, com o objetivo de promover uma consciência de conservação da vida global. Este compromisso é de todos os homens, da sociedade, da política e de outros segmentos. Trata-se de um compromisso ético e não legal. Quer dizer não se trata de obrigação, mas da ética de cada indivíduo. A nova ética implica numa nova relação homem- natureza e resultará em atitudes que favoreçam a preservação do meio ambiente com a melhoria da qualidade de vida do planeta e dos seres vivos. O que se espera é uma ética de perspectivas para o futuro, para as novas gerações, e que deve ser assimilada com nova visão política. O ser humano é ciente dos desafios globais, mas é necessário adotar medidas educativas, por exemplo, desenvolver uma educação ambiental que faça com que haja uma consciência ecológica globalizada. Se não forem adotadas medidas radicais o tempo se esgotará e poderá ser tarde demais. Para isso, a política deve adotar medidas de preservação e de inclusão social. A política internacional com representação na ONU, organismo pelo qual, os Estados estabelecem diálogo a cerca da resolução dos problemas planetários, elabora em 1972 uma declaração internacional acerca do meio ambiente humano, em Estocolmo. O objetivo era tornar o mundo habitável para todos,

por isso sugere políticas enérgicas de cooperação visando à preservação do meio ambiente e a um desenvolvimento sustentável sem degradar o meio ambiente.

> As políticas ambientais de todos os estados deveriam estar encaminhadas para aumentar o potencial de crescimento atual e futuro dos países em desenvolvimento e não deveriam restringir esse potencial nem colocar obstáculos à conquista de melhores condições de vida para todos. [...]. Todosos países, grandes e pequenos, devem ocupar-secomespíritoe cooperação e em pé de igualdade das questões internacionais relativas à proteção e melhoramento do meio ambiente. É indispensável cooperar para controlar, evitar, reduzir e eliminar eficazmente os efeitos prejudiciais que asatividades que se realizem em qualquer esfera, possam ter para o meio ambiente, mediante acordos multilaterais ou bilaterais, ou por outros meios apropriados, respeitados a soberania e os interesses de todos os Estados. (ESTOCOMO, 1972, princípio 11, p. 4).

Há de um lado a degradação do meio ambiente e de outro a má divisão dos recursos naturais e econômicos do planeta. Desse modo, a ética deve promover equitativamente à partilha dos recursos naturais, promovendo a redistribuição das riquezas. O futuro pode trazer consequências de fatos do passado e o que se vivencia hoje é o fruto de um longo processo histórico-político-cultural. Certamente a nova geração vai olhar para trás e dirá: como o planeta foi conservado, ou então, como o planeta foi destruído. Ainda há pessoas, nações e políticos indiferentes ou meros espectadores dos fatos globais. São posturas individualistas que agravam os problemas ambientais.

As organizações não governamentais – as ONG's – desenvolvem um trabalho de conscientização ambiental junto à população. Para salvar a natureza da depredação humana é necessário ter audácia e criatividade, encontrar formas de fazer com que a população se sensibilize dos problemas globais, denunciando os abusos comerciais e a ganância industrial. A religião também tem seu papel diante das questões globais. Como afirma alguns teóricos da ética ambiental tem sua parcela de culpa.

> Na verdade, nem a fé em Deus, nem a confiança em deixar as coisas como estão, nem mesmo o compromisso com o desenvolvimento sustentável reconhecem nossa verdadeira dependência. Se deixarmos de cuidar da Terra, ela sem dúvida cuidará de si, fazendo com que não sejamos mais bem-vindos. Aqueles com fé devem reavaliar nosso lar terreno e vê-lo como um lugar sagrado, parte da criação divina, mas algo que temos profanado. (LOVELOCK, 2006, p. 16).

O que concretamente há é essa dependência humana para com a natureza e com o planeta, igual uma mãe da qual o filho bebê depende exclusivamente dos seus cuidados.

Assim, reforça a concepção de Lovelock que Gaia é uma mãe viva da qual todos os seres dependem dela para sobreviver subsistir.

## 4.1 – Cristianismo e o Paradigma Ético Ambiental.

Falar da relação entre cristianismo e ecoética é uma questão tanto delicada. Mas o importante é que a concepção cristã da Natureza mudou consideravelmente. Nesta perspectiva muitas ações se efetivaram em documentos elaborados com o intuito de alertar sobre as problemáticas ambientais. Por isso, se reafirma o planeta terra como a casa comum onde todos os seres vivos convivem e que dividem o mesmo espaço e esse espaço deve ser preservado e cuidado, pois é obra da criação divina.

> O vaticano tem publicado algumas encíclicas e se posicionado em defesa da dignidade de todos os seres da Natureza, bem como faz, ainda mais claramente, a CNBB, como documentos publicados e até campanhas da Fraternidade ligadas direta e indiretamente ao tema. (PELIZZOLI, 2002, p. 75).

Na idade média havia um obscurantismo acerca da dualidade entre a matéria e o espírito, corpo e alma. A indagação girava em torno da salvação da alma, mas dizia-se que a Natureza é fruto da criação de Deus, por isso tinha-se uma visão divina e sagrada da natureza. O cristianismo desempenha um grande papel e causa uma virada na maneira de pensar chocando-se com o *logos* e o *ethos* e com a pretensão de poder dos romanos. O cristianismo apresenta à humanidade o amor *caritas* e *ágape,* mesmo assim houve corrupção dentro do cristianismo, que resultará mais tarde com o advento da modernidade numa dicotomia entre Estado e Igreja. Segundo Pelizzoli "Na tentativa de conciliação do Reino celeste com o terrestre, que perpassa a era medieval, na administração do choque da mensagem cristã com o poder dos reis, sem dúvida que muito de cristianismo foi corrompido pelo poder", (PELIZZOLI, 2002, p. 76).

Entretanto nunca deixou de surgir na igreja pessoas com vozes proféticas a exemplo de Francisco de Assis. Ele contrariou toda uma forma de vida de sua época inclusive a própria Igreja. Mas a grandeza de seu testemunho foi reconhecer nas criaturas a presença de Deus e deixar-se afetar pela criação percebendo os demais seres como irmão.

São Francisco tenta dar uma nova resposta ao seu tempo caracterizado pelo materialismo. Dentro da Igreja ele é testemunho vivo, reconhecido não só pelos cristãos

católicos, mas por outras denominações cristãs e não cristãs como o homem do Séc. XX. "É preciso conceber que estamos em evolução, e esta deve ser acima de tudo um processo espiritual, de amadurecimento de valores; de igual modo, de resgate do caráter espiritual da humanidade unida toda a criação", (PELIZZOLI, 2002, p. 81). A Igreja se contrapõe ao movimento ecocêntrico, por demonstrar exageros quanto à representação e a condição do homem em relação aos outros seres vivos.

> [...], porque se propõe a eliminar a diferença ontológica e axiológica entre o homem e os outros seres vivos, considerando a biosfera como uma unidade biótica de valor indiferenciado. Chega-se assim a eliminar a superior responsabilidade do homem emfavor de uma consideração igualitária da dignidade de todos os seres. (CNBB, 2005, p. 261).

Assim a Igreja propõe um entendimento do homem como ser participante da casa comum, pois com o avanço da ciência e da tecnologia desconsiderou a divindade da natureza e dos outros seres, empreendendo a destruição das diversas formas de vida na terra.

A Igreja reconhece os avanços da ciência e da técnica como positivos. E estes devem ser aplicados para o bem da humanidade e, denuncia os malefícios do avanço cientifico tecnológico quando ameaça a integridade da criação.

> A tendência à exploração inconsiderada dos recursos da criação é o resultado de um longo processo histórico e cultural. A época moderna registrou uma capacidade crescente de intervenção transformadora por parte do homem. O aspecto de conquista e de exploração dos recursos tornou-se predominante e invasivo, e hoje chega aameaçar a própria capacidade acolhedora do ambiente: o ambiente como recurso corre perigo de ameaçar o ambiente como casa. Por causa dos poderosos meios de transformação, oferecidopela civilização tecnológica, parece às vezes que o equilíbrio homem-ambiente tenha alcançado um ponto crítico. (CNBB, 2005, p. 260).

A Igreja se coloca numa posição em defesa dos demais seres vivos, pois os mesmos fazem parte da criação divina. Não só por fazerem parte da criação divina, mas os reconhece importantes para o ciclo da vida na terra, para a manutenção da natureza, pois para essa missão foram criados por Deus, assim como o homem. Enfatizará o princípio da responsabilidade humana, pela natureza, abarcando o ser individual e a coletividade universal entre os Estados e Nações em prol das gerações futuras.

> A responsabilidade em relação ao ambiente, patrimônio comum do gênero humano, se entende não apenas às exigências do presente, mas também às do futuro [...]. A solidariedade universal é para nós não só um fato e um benefício, mas também um dever. Trata-se de uma responsabilidade que as gerações presentes têm em relação às futuras, uma responsabilidade que

> pertence também a cada um dos Estados e à comunidade internacional. (CNBB, 2005, p. 263).

A terra não pertence ao ser humano. Ela não deve ser encarada como um objeto ou patrimônio ou bem exclusivamente do humano. Na verdade o homem é que quem pertence a ela na comunhão planetária com os demais seres. Para a resolução dos problemas que geram conflitos no ambiente espera-se no ser humano uma mudança de vida para um novo estilo de vida. E o momento atual não deve ser encarado como o fim de tudo, mas como o momento de produzir uma forte motivação para uma autêntica solidariedade de dimensão universal para com a natureza entendendo-se como parte dela.

## 4.2 – Combonianos e Integridade da Criação.

Ao iniciar estas considerações acerca do que vem sendo desenvolvido pelos Missionários Combonianos do Coração de Jesus (mccj) no que se refere ao entendimento das questões globais que ameaçam a humanidade. Faz-se necessário antes fazer uma breve exposição do que inspirou o Fundador Daniel Comboni a iniciar sua atuação no âmbito ambiental. Comboni foi capaz de olhar o ambiente africano, com um olhar de pai que acolhe seu filho com carinho e amor e, se necessário, dar a sua própria vida por ele. Foi essa a inspiração primeira: dar-se sem medida e sem reserva. "*se mil vidas eu tivesse, mil vida daria em favor da missão da negra humanidade*". Ele está convicto de sua vocação missionária. Comboni motivado por grande paixão parte para sua realização maior. "O primeiro amor da minha juventude foi para a Infeliz Nigrícia, e abandonando tudo quanto me era de mais querido no mundo, vim, há dezesseis anos, para estas paragens oferecer a minha obra para alívio das suas seculares desventuras", (GILLI, 1984, p. 77).

Ele enxergou além, trouxe a pérola negra, a que faltava na coroa e no coração da igreja e da humanidade. O ambiente africano era mal visto no momento histórico de sua época. Havia muita resistência, até mesmo por parte da Igreja, em relação à negritude, pois o ambiente africano representava o mal, a selvageria e a desordem.

O negro era tratado como objeto de comercialização, de lucro e de consumo. O continente africano foi colonizado por várias nações que além do escravismo, exploravam as riquezas naturais naqueles países.

> A África é um continente com diversas situações. Num mundo controlado por nações ricas e poderosas, ela é com frequência considerada como apêndice irrelevante, enquanto depois, de facto, é explorado e até

> manipulado. Muitos países africanos encontram-se ainda esmagados pela tenaz da fome, da guerra, das tensões raciais e tribais, pela instabilidade política e pela violação dos direitos humanos... (MCCJ, 2000, p. 4).

A ação evangélica de Comboni quer despertar no coração da Igreja, dos católicos o sentimento universal para restauração do ambiente africano. Em nome disso, entrega toda sua vida para a regeneração da *Infeliz Nigrícia*. Na concepção de Comboni o Cristo quer a salvação dos africanos. Compreendendo a salvação não só da alma, mas também a libertação da escravidão e da opressão, que ferem a dignidade humana. Comboni realiza um plano para evangelizar a África e o consagra ao Coração de Jesus e de Maria.

Após a morte de Comboni surgem então os Missionários Combonianos do Coração de Jesus. No Nordeste do Brasil os Missionários Combonianos atua na ação pastoral: com a promoção da vida e dos Direitos Humanos; com o principio da Justiça, da Paz e da integridade da criação.

O mundo globalizado, secularizado e emergente impõe-se fortemente. A mídia prega um ritmo de consumo descontrolado. Dessa forma, tudo se torna objeto de uso e de consumo, inclusive a pessoa humana. O desafio da humanidade e redescobrir a beleza da vida, das coisas, das pessoas, compreendendo-se como parte do todo. Para tanto se faz necessário escolhas e retomada de atitude frente à crise ecológica, por isso:

> A presente crise ecológica torna mais urgente e significativo o convite evangélico à simplicidade de vida. Não é fácil decidir-se por uma ação respeitosa para com o ambiente, especialmente quando os mesmo pobres normalmente não podem permitir-se escolhas ecológicas sadias. (MCCJ, 2000, p. 19).

A crise ecológica coloca em questão a relação que se tem com os bens, viver na simplicidade e no zelo. Há que se ter uma sensibilidade na utilização dos bens materiais e assumir as conseqüências das escolhas. "Toda a escolha particular embora pequena ou insignificante é preciosa, enquanto sinal de sensibilidade aos direitos dos outros, das futuras gerações", (MCCJ, 2000, p. 20). As missionárias combonianas propõem a opção pelo suficiente, seria uma espécie de ética do suficiente que implica no estabelecimento de limites às nossas exigências pessoais e coletivas, pois a satisfação deve estar naquilo que apenas é necessário, com isso inaugurasse a ética do necessário.

> ... Por respeito às pessoas devemos usar bem os meios e os recursos materiais [...]. Há oportunidades, tanto pessoais como comunitária, e evitar inquinamentos ambientais não necessários, e de estar conscientes das conseqüências das nossas escolhas. [...], usar menos, reeducar-se, reduzir os desperdícios, reciclar, reutilizar, reparar. Toda escolha particular embora

> pequena ou insignificante é preciosa, enquanto sinal de sensibilidade aos direitos dos outros, das futuras gerações e do respeito pela criação. (MCCJ, 2000, p. 20).

A experiência aqui proposta mais do que uma atitude isolada ou individualizada é um indicativo para a coletividade. Essa prática exige de cada pessoa a adoção de uma regra de vida fundamentada no que vem sendo discutido nesse estudo e uma questão é clara e toda ação resume-se na ética do cuidado.

## 4.3 – A importância dos Movimentos Ecológicos.

O movimento ecológico ao longo da história vem contribuindo para o a sensibilização na relação entre o homem-natureza, buscando inovações na reciclagem e no reaproveitamento de matéria primas com o objetivo de fomentar o potencial energético. As iniciativas para uma correlação com a natureza e o meio ambiente faz o movimento o ecológico diverso e isso é uma característica peculiar.

> Talvez uma das características mais importante do movimento ambientalista seja sua diversidade [...]. Nesse amplo universo de ONG's algumas fazem trabalho de base, outras são mais voltadas para a militância, outras têm uma caráter mais político e outras implementam projetos demonstrativos. Embora ocorra uma certa queda na capacidade mobilizatória dos movimentos ambientais, observa-se também um grau de amadurecimento das práticas e a consolidação de um perfil de atuação de instituições numa perspectiva proativa e propositiva dentro de moldes de sustentabilidade. Os seus pontos fortes estão na sua credibilidade e capital ético, na sua eficiência na intervenção na micro-realidade social (grupos e comunidades) permitindo-lhes formular aspirações e propor estratégias para atendê-las, maior eficiência na aplicação de recursos e agilidade na implementação de projetos que tem a marca da inovação e a da articulação da sustentabilidade com a equidade social. (SANTOS; SATO, 2006, p. 433).

O movimento ambiental surge no Brasil na década de 60 como uma resposta a política antiecológica que pregava o progresso por meio da construção de estradas e apropriação de terras e, para tanto se justificava o desmatamento. Nesse período ocorreu ocupação em massa das terras amazônicas numa perspectiva do progresso, de terras férteis para lavoura, o pasto e a criação de gado. Uma das figuras de oposição à política explorativa e degradativa foi Chico Mendes. O movimento ambiental estava ainda em estado embrionário e tomando corpo. É nesse período que as reflexões partem do romantismo ecológico. Pelizzoli traz e contrapõe as fortes criticas ao movimento ecológico, feitas por Ferry.

> A árvore, o animal e o homem, ou seja, um trocadilho querendo indicar a ingenuidade daqueles que colocam o "verde" antes dos seres humanos. Centra-se numa crítica implacável e irônica ao biocentrismo ao romantismo e ao arcaísmo mitológico, que estariam na base dos movimentos ecológicos que tem como paradigma a *Deep Ecology* (ecologia profunda). [...]. A posição de Ferry não contempla o valor intrínseco ao meio ambiente; ele é o entorno, determinado sempre pela vontade e ação do homem, que não deve degradá-lo porque sofrerá com isto. (PELIZZOLI, 2002, p. 27-28).

Nessa concepção de Ferry o problema ecológico torna-se uma espécie de descontentamento com a modernidade, com ocidente e o capitalismo. Considera que o processo de secularização e industrialização marca a maturidade do homem. Não se pode desconsiderar isso, entretanto não se pode também concordar com tudo, pois se sabe que o processo de secularização e a industrialização trouxeram grandes avanços, mas gerou mais desigualdade, perdeu-se a dimensão sagrada das coisas e isso justifica a ação do homem em relação à natureza.

> Luc Ferry sabe que o ocidente grego, em um percurso histórico, saiu do mito para a ontologia, mas não tem a profundidade filosófica para perceber que a própria ontologia e a própria ciência – como discurso pretensamente neutro – precisa sempre de novo ser desmitologizada, "dês-cantada", pois sua mitologia do homem-deus é perigosa, além de suas características bélicas e elitizadas. (PELIZZOLI, 2002, p. 30-31).

Com o passar do tempo os movimentos ambientalistas foram se institucionalizando e amadurecendo os ideais defendidos, deixando de lado o discurso romântico e assumindo um discurso sistemático. Deixar-se afetar é importante, mas não deixar-se mover apenas por romantismo, nem tampouco pelo racionalismo exacerbado do qual nos fala Ferry.

### 4.4 – Desenvolvimento Sustentável.

O conceito de desenvolvimento sustentável trata a questão ambiental com o olhar para a geração que ai está e com a visão para as que a procederam. Dessa forma, a sustentabilidade traz o discursoda escassez dos recursos naturais. Diante dessa prerrogativa coloca-se a questão ambiental como uma preocupação na tentativa de minimizar os empáticos e a utilização dos recursos naturais por se tratar de coisas finitas. Para tanto, medidas de reutilização são adotadas como também a redução como uma medida econômica e a reciclagem como medida para alimentar o ciclo da vida útil das matérias primas dos recursos extraídos das fontes naturais.

O progresso não pode parar, então é necessário adotar políticas sustentáveis. Em 1989, a ONU convocou uma assembléia geral com o objetivo de elaborar estratégias de reversão dos efeitos da degradação ambiental, com ênfase no desenvolvimento sustentável humanos, econômico e da natureza.

> A Agenda 21 adotada pela conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento, no dia 14 de junho de 1992, é a resposta da comunidade internacional àquela convocação – a partir daquela data e se prolongando pelo século 21 – pelos governos, agências de desenvolvimento, Organizações das Nações Unidas e grupos setoriais independentes em cada área onde a atividade humana atinge o meio ambiente. (BERNA, 2001, p. 83).

Mais do que um compromisso dos Estados, a agenda incentiva cada pessoa a buscar alternativas tendo em vista a participação coletiva. A questão está justamente como chegar a esse desenvolvimento sustentável sem agredir o meio ambiente.

> O grande desafio que se coloca é, por um lado, gerar empregos com práticas sustentáveis e, por outro, fazer crescer o nível de consciência ambiental, ampliando as possibilidades de a população participar mais intensamente nos processos decisórios como um meio de fortalecer a sua co-responsabilização na fiscalização e controle dos agentes responsáveis pela degradação sócio-ambiental. (SANTOS; SATO 2006, p. 435).

Os defensores da Ecoética se contrapõem a este tipo de desenvolvimento sustentável. Discordam por tratar-se de um ciclo imbuído de paradigmas tradicionais e dominantes. Outros se mostram indiferentes a essa questão, porém reconhecem que o avanço tecnológico não pode parar. Para tanto, é necessário que se invista em tecnologias alternativas que promovam a transformação do quadro planetário atual. Certamente, o ser humano deve mudar os hábitos cotidianos, que vai mais além do que não jogar lixo nas ruas ou não poluir as águas. É necessário e fundamental nova consciência e mais do que consciência é ter sensibilidade para com a vida no planeta, por isso uma ética do cuidado deve ser instaurada.

Nessa dimensão, o Brasil vem assumindo "o papel de pais ecologicamente correto", mas há de se destacar o desmatamento desenfreado da floresta amazônica e de tantas outras áreas florestais para o desenvolvimento do agronegócio.

No ano de 2007, o Congresso Nacional aprovou a Lei 11.445/2007 que prevê que cada município da federação faça seu planejamento estratégico para o tratamento dos recursos hídricos urbanos e o retorno aos leitos dos rios ou reaproveitamento hídricos para outras finalidades sustentáveis. Como atitude politicamente correta à lei prevê a adoção da coleta seletiva. A Lei 12.305/2010 legaliza e responsabiliza todos os autores sociais para o desenvolvimento sustentável construído de forma democrática o destino correto para os

resíduos gerados, promovendo também a inclusão social de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, constatamos que há uma crise moral e ética. E, por isso, nos deparamos coma agrave crise ambiental como decorrência também do fator moral e ético. Os paradigmas não são eternos bem como as verdades. Acontecem falhas, equívocos, mas uma das características humana é limitação.

O contexto de cada época histórica da humanidade fala por si só. Desde os pré-socráticos percebemos a busca pelo fundamento das coisas em algo material, ou seja, o homem busca resposta fora dele. Com Platão, a realidade fora do homem é pura imperfeição, a perfeição só se encontra no mundo das idéias.

Na Idade Média, a natureza é uma realidade criada por Deus. Ao criar todas as coisas Ele imprimiu nelas seu ser, no homem sua própria imagem. O homem é o centro da criação e se relaciona com Deus o Criador. A natureza tem caráter sagrado e não pode ser violada, apesar disso ocorrem abusos nesta época, pois o homem deve dominar todas as coisas.
Com a revolução científica, o ideal criacionista entra em profunda crise. O ideal científico eleva o homem ao centro do cosmo tornando-o senhor da criação. A racionalidade é inaugurada na modernidade iniciada por Descartes que concebe o mundo, o homem como maquinas. O homem não pode ser considerado uma maquina, pois esta é algo programado, enquanto o homem tem vontade e escolha. Conceber o homem como maquina é negar-lhe o principio da liberdade.

Com o advento científico as relações do homem com a natureza foram tomando outros rumos. O ser humano assumiu outras posturas. Antes o que era sagrado perdeu o sentido. Com Bacon vimos esse desfecho em que a natureza era para ser desvendada. E na perspectiva de Descartes que, para existir o importante era apenas pensar, como se a única razão da existência para o homem na faculdade do pensar. Logo percebemos que o homem não se resume apenas a isso. O homem não é só pensamento, não é só razão. Ele sentimento, é paixão, é cuidado essencial para consigo, para o outro e para com a natureza.

Como se percebe há tantas outras dimensões no humano que somente com a razão não se consegue entender como nos diz Pascal, coisas desconhecidas da razão que somente o coração dar sentido. Com isso a razão nos ajuda a compreender as dimensões humanas, mas a razão não chega a ser algo determinante.

A ciência tem papel importantíssimo no desenvolvimento humano, porém põe em risco a integridade da natureza quando intervém diretamente. De fato, a ciência continuará

dando sua contribuição para o desenvolvimento da humanidade. De certo modo, compreende-se que o método científico não se ocupa diretamente dos problemas da humanidade, sua finalidade é o conhecimento. Ao desencanto com a natureza chegaram os frankfurtianos.

Com a pós-modernidade, apoiados apenas pela razão, não chegamos ao entendimento das coisas. A ciência não conseguiu resolver os problemas da humanidade. Ao contrario do que pensava se gerou inúmeros transtornos dentro do ambiente planetário, provocando assim o colapso ambiental.

Diante destas questões a humanidade precisa de uma nova relação com a natureza. Um relacionamento centrado na dimensão do respeito, da preservação e do cuidado. O homem não está acima da natureza, ele é parte dela e comunga com outros seres o mesmo ambiente planetário. É preciso adotar políticas de conservação, maneiras de como usar melhor os recursos naturais sem ferir a integridade da natureza. O desenvolvimento sustentável não pode visar somente o lucro, para subsidiar as necessidades humanas, mas deve promover uma nova consciência sensível a manutenção harmônica do meio ambiente. A ética ambiental propõe o estudo sobre o comportamento humano frente à natureza. Não é um discurso romântico e sim sócio-ambiental. Nessa perspectiva parte-se do principio em que o homem é parte integrante do complexo organismo chamado terra. Segundo Leonardo Boff, o homem é essencialmente cuidado. O cuidado é a faculdade presente no ser humano, que se torna indispensável face ao cataclisma ambiental.

A ética ambiental quer despertar a consciência para o cuidado. É importante frisar que o cuidado não é uma atitude ingênua, mas algo indispensável à condição humana. O planeta precisa ser cuidado. Para isso é necessário substituir os velhos hábitos adotando novos. A atual crise ambiental na qual se vive deixa uma preocupação e uma questão no ar *"como será daqui para frente?"*. O certo é que o planeta passa por grandes transformações climáticas e a humanidade vem contribuindo de forma significativa por meio das emissões de gases do efeito estufa, com o desmatamento e poluição dos rios. Caso não haja ações efetivas o processo de degradação será irreversível. É o momento oportuno à abertura para ética da solidariedade planetária. Para tanto, "a questão ecológica não deve ser abordada somente pelas aterrorizantes perspectivas que a degradação ambiental delineia: ela deve traduzir-se, sobretudo, em uma forte motivação para a autêntica solidariedade de dimensão universal" (CNBB, 2005, p. 272). Por isso, faz-se necessário e urgente uma nova ética a ética do cuidado.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulus, nova edição, 1973.

A Justiça como relação que gera vida. *Carta aos membros dos três Institutos Combonianos*: Roma, 2000 – Ano Jubilar. 32 pp.

ARTIGAS, Mariano, *filosofia da natureza*. Tradução por José Eduardo de Oliveira e Silva. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e ciência "Raimundo Lkúlio" (Ramon LLuLL), 2005. 462pp

BACON, Francis. Novum Organum: Tradução por José Aluysio de Andrade. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura , 1979. III fragmento, 272 pp. (coleção os pensadores).

BERNA, Vilmar. Como Fazer Educação Ambiental. São Paulo: Paulus, 2001. 142 pp.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão Pela Terra: 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 199 pp.

BOFF, Leonardo. Ethos Mundial: Um Consenso Mínimo Entre os Humanos, Brasília: Letraviva, 2000. 165 pp.

BUARQUE DE OLANDA, Aurélio. Mini-aurélio do Seculo XXI Escolar da Língua portuguesa; 4. ed. ver.amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 790 pp.

COMISSÂO DE JUSTIÇA E PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO (JPIC). Justiça e Paz: manual para animadores da justiça, da paz e da integridade da criação. Tradução por Arnaldo Marques da Silva. Roma, 1997. 286 pp.

CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emílio. Ética: Tradução por Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005. 176 pp.

Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano: Conferência das Nações Unidas: de 05 a 16 de junho de 1972.
Disponível:
http://www.apambiente.pt/_zdata/Politicas/DesenvolvimentoSustentavel/1972_Declaracao_Estocolmo.pdf. Acessado em 04 de novembro de 2015. 10h20 a.m.

GILLI, P. Aldo, CHIOCCHETTA, P.P., GONZALEZ, P. F. A Mensagem de Daniel Comboni. Lisboa – Portugal: Editorial Além-Mar, 1984. 224 pp.

GORE, Albert. Uma Verdade Inconveniente – O que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global: Tradução por Isa Mara Lando. SP: Manole, 2006. 228 pp.

LOVELOK, James: A vingança de Gaia: Tradução por Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. 159 pp.

KANDEL, Robert. O Reaquecimento Climático: Tradução por Benoit Six. São Paulo: Loyola, 2007. 115 pp.

MATEUS, Eduardo, MORAIS, Jacinta América de, CAFFAGNI AMARAL, Wanessa Carla do. Educação Ambiental para o Turismo Sustentável: Vivências integradas e outras estratégias metodológicas. São Carlos: Rimas, 2005. 182 pp.

MORIN, Edgar e KERN, Brigitte Anne. Terra Pátria: Tradução por Paulo Azevedo Neves da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. 181 pp.

MOSER, Antônio. Bioética e Biotecnologia: Para onde Vamos? 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 453 pp.

PELIZZOLI, M.l. Correntes da Ética Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 187 pp.

Pontificado Conselho "Justiça e Paz". Compêndio de doutrina social da Igreja. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: Paulinas, 2005. 528 pp.

RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. Estudos Regionais: Geografia do Estado do Piauí. 3. ed. Teresina-PI: Halley S.A. Grafia e Editora,.261 pp.

SANTOS, Jo´se Eduardo dos, SATO Michele. A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. 3. ed. São Carlos – São Paulo: Rima, 2006. 604 pp.

VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes: 1° volume; Moral Fundamental. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1971. 543 pp.

VIDAL, Marciano. Moral de Atitudes: 2° volume; Ética da Pessoa. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1981. 534 pp.

VILELA, Pe. Orlando. Iniciação Filosófica. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 348 pp.